

DE CAMELÔS A EMPRESÁRIOS

O Centro Popular de Compras de Porto Alegre mudou não só a paisagem da cidade, mas também a vida de muitos trabalhadores informais

TEXTO ANA PAULA SARDÁ
FOTOS VANESSA REIS



Segunda-feira, oito horas de uma manhã ensolarada no centro de Porto Alegre. Aquela típica movimentação dos camelôs montando suas barracas para mais uma jornada de trabalho na Praça XV não existe mais. Agora, a movimentação se dá em outro local, também na mesma região, no Centro Popular de Compras (CPC), apelidado carinhosamente pelos trabalhadores de Camelódromo.

Dentre as mais de 800 lojas, muitas histórias. Os números passam a ganhar identidade com divertidos e surpreendentes relatos. O local, inaugurado em fevereiro deste ano, ainda é desconhecido por grande parte da população. O que antes podia ser visto por todos na rua, agora ganha uma nova estrutura. A casa dos comerciantes passou a ser um mini-shopping, e eles

já não se consideram mais camelôs, e sim microempresários.

Anderson Vargas, 36 anos, é um homem de porte imponente, expressão séria, mas com alguns minutos de conversa descobrimos o lado descontraído e alegre do responsável pelos funcionários de segurança e limpeza do Camelódromo.

A rotina é cansativa, pois sua equipe, composta por 22 seguranças e 13 auxiliares de limpeza, trabalha 24 horas por dia no local, não importando se é feriado ou fim de semana. Os seguranças se dividem em dois turnos de 12 horas, e os funcionários da limpeza em três turnos.

Durante o horário comercial, a turma da limpeza atua "arumando a bagunça" deixada pelo descarregamento de mercadorias e pelos trabalhos de manutenção do local, explica



Anderson. À noite, os funcionários do terceiro turno efetuam o trabalho de limpeza do chão e das escadarias, entre outros.

Neste ramo de atuação desde 1996, antes trabalhando como vigilante em Canoas, Vargas coordena essas equipes no Camelódromo desde sua inauguração, em fevereiro deste ano. Uma das partes que o público não vê é o quão fundamental é o trabalho desses profissionais. E para que tudo funcione corretamente, o bom entrosamento e a união são necessários.

Para o coordenador, a equipe já é como uma família, pois sempre encontram o apoio dos colegas, tanto em questões particulares quanto profissionais. "Nos defendemos, nos apoiamos, o problema de um é o problema de todos", revela Vargas. Casado e pai de duas filhas, diz sentir orgulho de seu

trabalho. Além de gostar muito do que faz, apesar de considerar a profissão de segurança arriscada, o trabalho e a recente função de coordenador lhe permitem proporcionar uma vida melhor para sua família.

No CPC as relações profissionais vão além do simples coleguismo. Muitos trabalham em família, pais, filhos, primos, namorados, e não é raro que os problemas particulares venham à tona no local de trabalho. Algumas vezes, é preciso que os seguranças interfiram. Vargas conta que numa ocasião teve que apartar uma briga de namorados. "Eu sempre via o rapaz com a namorada e um dia vi ele com outra. Fiquei meio acanhado, mas não disse nada. Não deu dois minutos e a namorada chegou. Daí tive que me meter e apaziguar a situação, mas tudo foi



Os funcionários coordenados por Vargas se revezam para proteger o Camelódromo 24 horas por dia. A segurança, antes inexistente na rua, é um dos motivos para Alexandra aprovar o novo local de trabalho



resolvido”, diverte-se.

Esse tipo de situação é comum no local, mas nem só de brigas e picuinhas vivem os comerciantes que trabalham com seus familiares. Aleksandra Szewzynski, 35 anos, mãe de duas meninas e um menino, teve sua primeira e única experiência profissional como camelô, muito devido ao pai, que atua no ramo há quase 40 anos. Proprietária de uma banca de bichinhos de pelúcia com o pai, Alê, como é chamada pelo pessoal do CPC, tem sua vida misturada com os desafios e alegrias da profissão de camelô.

A interação com os colegas ultrapassa as relações profissionais. Aleksandra considera como irmã uma das amigas que fez durante os anos de camelô. “A Raquel não é minha irmã de sangue, é minha irmã de coração, e nos conhecemos nos camelôs”, revela. Além disso, uma de suas filhas namora atualmente um dos lojistas, e a própria Aleksandra conta já ter namorado alguns colegas.

Suas duas filhas estudam pela manhã e trabalham à tarde como babás no local, cuidando dos filhos de outros proprietários de bancas no Camelódromo. Um dos bebês é o filho de Raquel, e o outro, de uma lojista vizinha. Antes trabalhando na Praça XV, Aleksandra afirma que as melhorias com a ida para o CPC foram significativas, pois anteriormente perdia muito de sua mercadoria devido às chuvas. Além disso, as vendas foram facilitadas com a implantação das máquinas de cartão de crédito.

A estrutura do local permite aos comerciantes um melhor atendimento aos clientes, com segurança, banheiros, praça de alimentação e caixas eletrônicos. Uma das poucas reclamações que tem quanto à mudança é em relação aos colegas. “Eles agem como se ainda estivessem na rua, não pensam que agora não são mais camelôs, e sim lojistas. Muitos deixam tudo sujo em volta de suas bancas, e isso é um desrespeito aos colegas e clientes”, desabafa Aleksandra.

Como passa os dias dentro do local, atividades pessoais como cuidados estéticos também acontecem dentro do CPC. Aleksandra utiliza os serviços de uma manicure e pedicure que vai até as bancas dos lojistas. Os bichinhos de pelúcia que comercializa são trazidos semanalmente do Paraguai pelo

pai, ainda vazios, e quando chegam à capital são preenchidos pelos dois com fibras de silicone, compradas ali mesmo na região do centro de Porto Alegre. Como nunca venderam material ilegal, Aleksandra afirma não ter tido problemas com a fiscalização, que ocorre constantemente dentro do local e em todo o centro, mas já presenciou cenas tristes. “Esta semana mesmo, vi um brigadiano levar toda mercadoria de uma senhora ali na Praça XV. Tudo bem que é ilegal, mas é o trabalho dela”, lamenta.

Família unida

Provando que família que trabalha unida permanece unida, Eunice Albrecht, 56 anos, 25 como camelô, descobriu a profissão através de seu esposo, Paulo Mallmann, camelô desde a infância, que sempre acompanhou o trabalho dos pais. A rotina é corrida. Eunice, Paulo e a filha mais nova, Jaqueline, trabalham das 9h às 20h, de segunda a sábado, vendendo lingerie em sua loja, maior que as demais por terem alugado três boxes. “Pagamos três vezes mais, é puxado, mas precisávamos de lugar para expor a mercadoria”, revela Paulo.

Ao contrário de Aleksandra, a relação da família com os colegas de trabalho não se tornou tão próxima. Seus outros dois filhos e as noras atuam fora do Camelódromo. “Como sempre morei em Cachoeirinha, e meus filhos estudavam lá, a relação deles com nossos colegas de trabalho não era muito próxima”, relata Eunice.

A família já vendeu diversos tipos de mercadorias, começando com bijuterias e relógios, passando por vestuário, na época em que trabalhavam na Praça XV, e hoje com lingerie. Eunice e a família dão muito valor ao seu pequeno empreendimento, que sempre garantiu o sustento de toda a família. Formaram filhos, adquiriram bens, tudo devido ao trabalho como camelôs. “Quando eu passo na frente de certos lugares aqui no centro e vejo as enormes filas de pessoas procurando emprego, dou mais valor pro meu trabalho”, conta Eunice.

Cada um desses trabalhadores tem diferentes histórias de vida que os levaram aos seus atuais empregos, mas uma coisa é comum a todos eles, o orgulho do que fazem e a certeza de que dão o seu melhor pelo Camelódromo.

IMPRESSÃO DE REPÓRTER

Por muito tempo trabalhei no centro de Porto Alegre. Sua paisagem rodeada de camelôs e pessoas ávidas pelas novidades *made in Paraguai* acabou se tornando usual para mim e, por vezes, passando despercebida. Ao retornar à região muito tempo depois, deparei com uma praça vazia, sem gritos, sem barracas, com menos pessoas. Parecida com fotos antigas do centro, retratadas por fotógrafos lambe-lambe. A construção do Centro Popular de Compras, ou Camelódromo, mudou radical-

mente uma das principais paisagens porto-alegrenses. Se para melhor ou para pior, só o tempo irá dizer. Na minha opinião, o centro agora pode exercer melhor sua função turística, tornando pontos como o Mercado Público e o Chalé da Praça XV mais destacados. Ao mesmo tempo, os loucos por compras e novidades, como eu, têm um espaço muito melhor, seguro e limpo, para libertar seu lado consumista, com 800 lojas organizadas e com mercadorias mais visíveis ao seu dispor.